

INFLUÊNCIA DO CRONOTOPO PANDÊMICO NA MANIFESTAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS RELACIONADAS ÀS VACINAS CONTRA A COVID-19: INTERPRETAÇÃO SOB AS ÓTICAS DA LSF E ADD

INFLUENCE OF THE PANDEMIC CHRONOTOPE ON THE MANIFESTATION OF EXPERIENCES RELATED TO VACCINES AGAINST COVID-19: INTERPRETATION FROM THE PERSPECTIVE OF LSF AND ADD

Tiago Soares Vieira¹

RESUMO: Este artigo objetiva interpretar a influência do cronotopo sobre a manifestação de experiências relacionadas às vacinas contra a Covid-19, em 03 (três) colunas publicadas por Atila Lamarino, no jornal *Folha de S. Paulo*, entre os meses de agosto a dezembro de 2020. Para interpretação das amostras, ancora-se, teoricamente, nos conceitos e postulados da Linguística Sistemico-Funcional (LSF), baseado em Halliday e Matthiessen (2014) e Fuzer e Cabral (2014), com ênfase nos processos de transitividade, em sintonia com a Análise Dialógica do Discurso (ADD), conforme Bakhtin (2016), Rohling (2020) e Vieira e Rohling (2021), a partir, especialmente, da acepção de cronotopo. De modo geral, as interpretações demonstram que: (I) é possível compreender o cronotopo através do texto, bem como o inverso, uma vez que visualizamos, por meio das experiências manifestadas pelo articulista, o espaço/tempo (cronotopo) no qual está situado e as transformações que ocorrem em seu entorno; (II) o articulista seleciona, para produção de sentidos em seus textos, os processos e sintagmas mais essenciais ao horizonte espacial e temporal nos quais se insere; (III) à proporção que o tempo muda e as transformações ao seu redor vão acontecendo, a forma como o autor se expressa em relação ao participante vacina também se modifica, visto que inicia em uma esfera *mental*, perpassa pelo plano *relacional* e, por fim, adentra no mundo físico (*material*), de acordo com o que ocorre à sua volta.

Palavras-chave: Linguística sistemico. Funcional. Análise dialógica do discurso. Processos de transitividade. Cronotopo.

1250

ABSTRACT: This article aims to interpret the influence of chronotope on the manifestation of experiences related to vaccines against Covid-19, in 3 (three) columns published by Atila Lamarino, in the newspaper *Folha de S. Paulo*, between August and December 2020. For the interpretation of the samples, it is theoretically anchored in the concepts and postulates of Systemic-Functional Linguistics (SFL), based on Halliday and Matthiessen (2014) and Fuzer and Cabral (2014), with an emphasis on transitivity processes, in line with Dialogic Discourse Analysis (DDA), according to Bakhtin (2016), Rohling (2020) and Vieira and Rohling (2021), especially from the sense of chronotope. In general, the interpretations show that: (I) it is possible to understand the chronotope through the text, as well as the reverse, since we visualize, through the experiences manifested by the writer, the space/time (chronotope) in which it is situated and the transformations that occur in its surroundings; (II) the writer selects, for the production of meanings in his texts, the processes and syntagmas most essential to the spatial and temporal horizon in which it is part; (III) to the proportion that time changes and the transformations around it are happening, the way the author expresses himself in relation to the vaccine participant also changes, since it begins in a mental sphere, it goes through the relational plane and, finally, enters the physical (material) world, according to what happens around it.

Keywords: Systemic. Functional. Linguistics. Dialogic discourse Analysis. Transitivity processes. Chronotope.

¹ Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Programa de Pós-Graduação das Faculdades Integradas de Patos (FIP), especializando em Gestão do Trabalho Pedagógico (Supervisão, Orientação, Inspeção e Administração), pelo Programa de Pós-Graduação EAD da Faculdade Dom Alberto. Graduado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e em Pedagogia pelo Instituto Superior em Educação São Judas Tadeu (INSESJTD). Atua como Professor de língua portuguesa no Centro Educacional e Aperfeiçoamento de Catolé do Rocha (CEAC), polo de Riacho dos Cavalos-PB e como Supervisor Educacional na Escola Municipal de Ensino Fundamental e EJA Maria Vaz Vieira, em Riacho dos Cavalos-PB. E-mail: thyagosoeso7@hotmail.com.

I INTRODUÇÃO

Desde que nascemos, somos capazes de expressar o que fazemos, pensamos, sentimos ou queremos por meio de diferentes linguagens. Ao adquirirmos a capacidade de utilizar a linguagem verbal, passamos a fazer escolhas dentro da nossa língua materna para interagir com o próximo, organizar mensagens e materializar experiências proporcionadas pelo convívio em sociedade.

Interpretar experiências selecionadas pelos falantes para se expressarem supõe observar como essas escolhas estão interligadas com o espaço/tempo em que esses sujeitos estão situados, visto que experiências são vivenciadas no mundo, tornando-se, portanto, criadoras dele. Dessa forma, compartilhamos a ideia de que a língua é, primordialmente, um espaço em que os falantes realizam escolhas, por isso, é necessário percebê-los como indivíduos ativos, capazes de seletar as formas de dizer de acordo com seus propósitos comunicativos e com as experiências que pretendem manifestar, as quais são modificadas pelo espaço/tempo em que estão imersas.

Com base nesses pressupostos, temos por objetivo interpretar a influência do cronotopo pandêmico sobre as experiências manifestadas pelo autor acerca das vacinas contra a Covid-19, a partir do exame de amostras extraídas de três colunas assinadas por Atila Iamarino² e publicadas no jornal *Folha de S. Paulo*, entre os meses de agosto a dezembro de 2020, considerando, nessa empreitada, as ocorrências dos processos de transitividade, propostos pela Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF), e a concepção de cronotopo, postulada pela Análise Dialógica do Discurso (doravante ADD).

Para tanto, ancoramo-nos em autores como Halliday e Matthiessen (2014), especialmente na obra *Halliday's Introduction to Functional Grammar*, precursora da LSF e veiculadora de conceitos e ideias essenciais para as pesquisas realizadas nesta área; em Fuzer e Cabral (2014), que discutem os processos de transitividade aplicando-os conforme as especificidades da nossa língua; em Bakhtin (2016), grande pensador dos conceitos básicos condutores das pesquisas no campo da ADD; e em Vieira e Rohling (2021), que defendem e justificam a existência de um cronotopo pandêmico, noção central nesta pesquisa.

² Trata-se de um articulista reconhecido em nosso país por fazer ampla divulgação da ciência nas mídias sociais (*YouTube*, *blogs*, colunas jornalísticas, etc.). Ademais, o espaço de veiculação dos textos interpretados neste escrito, precisamente o jornal *Folha de S. Paulo*, é um dos mais acessados no Brasil, com alto prestígio entre seus usuários.

De modo geral, acreditamos que este estudo apresenta contribuições significativas para as pesquisas em linguagem, tendo em vista que: (i) propomos uma abordagem gramatical diferente das que convencionalmente encontramos, interpretando a transitividade dos verbos não apenas com vistas a perceber se necessitam ou não de complemento, mas observando que sentidos experienciais manifestam e que influências sofrem por parte do cronotopo³; (ii) sugerimos à ADD outros mecanismos textuais (ou processos de transitividade), verificados em estudos com a dimensão verbal dos gêneros do discurso; (iii) utilizamos como materialidade produções ligadas diretamente à pandemia provocada pelo SARS-CoV-2⁴, para que, enquanto cientistas, possamos promover o conhecimento científico relacionado à Covid-19, combatendo, assim, discursos opostos que insistem em se manter de pé.

A pesquisa organiza-se em três seções: na primeira, abordamos conceitos básicos da LSF, tais como língua, texto, metafunção e, especialmente, sistema de transitividade; na segunda, dissertamos sobre a perspectiva dialógica do discurso e a ideia de existência de um cronotopo pandêmico; na terceira, interpretamos os processos de transitividade tencionando perceber as influências apresentadas pelo cronotopo sobre as escolhas experienciais do articulista.

2 Linguística Sistêmico-Funcional (LSF): conceitos básicos

A LSF, empreendida pelo inglês Michael A. K. Halliday, surge como resistência a correntes da Linguística que se ocupam em analisar o aspecto estrutural da língua; sua abordagem prima pela descrição e interpretação dos contextos de uso social da linguagem, compreendendo-a como um sistema desenvolvido pelo homem para atender às suas necessidades enunciativas. Logo, por ser utilizada por sujeitos que a todo momento desempenham papéis e posições em rede, pode variar de acordo com os contextos, propósitos dos usuários ou atividades executadas.

Para Thompson (2014, p. 28), a linguagem cumpre três funções relevantes:

- Usamos a linguagem para falar sobre nossa experiência do mundo, incluindo os mundos internos a nossas próprias mentes, para descrever eventos e estados e as entidades envolvidas neles.
- Também usamos a linguagem para interagir com outras pessoas, estabelecer e manter relações com elas, para influenciar o seu comportamento,

³ Isso torna a pesquisa diferente de outras já realizadas acerca dos processos de transitividade, a exemplo das de Cunha e Sousa (2011) e Heberle (2018), uma vez que, além de descrever os processos, estabelecemos uma relação entre as ocorrências e o cronotopo.

⁴ Patógeno causador da Covid-19.

para expressar o nosso próprio ponto de vista sobre as coisas do mundo, e para provocar ou mudar os de outrem.

- Finalmente, ao usar a linguagem, organizamos nossas mensagens de forma a indicar como se encaixam com as outras mensagens ao seu redor e com o contexto mais amplo em que estamos falando ou escrevendo. (THOMPSON, 2014, p. 28).

É mister salientar, primeiramente, que a LSF assimila a gramática como um constructo sociocultural relacionado ao modo como vivemos e às atividades que praticamos; em segundo plano, ela entende que a linguagem se concretiza em textos, no desenrolar das trocas humanas, referentes a qualquer instância de linguagem que, em um determinado contexto, faça sentido para alguém (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Em sua arquitetura, a linguagem se organiza através de estratos, em linhas funcionais, os quais denotam que, ao empregarmos a língua, construímos a nossa realidade, utilizando-a em determinadas situações para produzir múltiplos significados (estrato semântico-discursivo), expressos por meio de orações (estrato léxico-gramatical), materializados através da fala ou escrita (estrato grafo-fonológico), conforme apresenta Santos, Santos e Mendes (2020). Tais aspectos podem ser visualizados na Figura 01.

Figura 01 – Estratificação dos planos comunicativos (linguístico e contextual)



Fonte: (FUZER; CABRAL, 2014, p. 25)

Os estratos mostram que, para a LSF, a linguagem é concebida como um processo sociosemiótico, pois sua utilização parte de fatores extralinguísticos (Contextos de Cultura e Situação) nos quais estamos inseridos, que, por sua vez, motivam nossas escolhas. Os contextos de cultura dizem respeito às práticas mais amplas dentro de uma sociedade, ou seja, aos aspectos ideológicos, políticos e socioculturais de diferentes etnias ou países, a exemplo das práticas institucionais das mais variadas esferas sociais (escola,

família, igreja, justiça)⁵. Já os contextos de situação referem-se ao entorno imediato no qual os discursos são produzidos; por serem influenciados pelos acontecimentos do mundo, é possível partir do contexto para compreender o porquê de determinadas coisas serem ditas de determinadas formas em certos contextos.

Ao contexto de situação interliga-se o conceito de registro, que corresponde às variáveis configuradas nos elementos linguísticos do texto. Todo registro é caracterizado por três modalidades de variáveis, quais sejam: o *campo*, as *relações* e o *modo*. Didatizamos essas informações no Quadro 01.

Quadro 01 – Níveis de realização do registro

Contexto de situação	Semântica	Léxico-gramática
Campo	Ideacional	Sistema de Transitividade
Relação	Interpessoal	Sistema de Modo
Modo	Textual	Sistema Temático

Fonte: Mendes (2010, p. 13)

O Quadro acima possibilita inferir que a ideia de três variáveis não é aleatória, pois está vinculada às funções que desempenhamos através da linguagem. Assim, a formulação do conceito de metafunção, proposto pela LSF, permite, por meio de descrições gramaticais, o estudo da organização das línguas naturais. Nessa direção, a LSF classifica três metafunções, a saber:

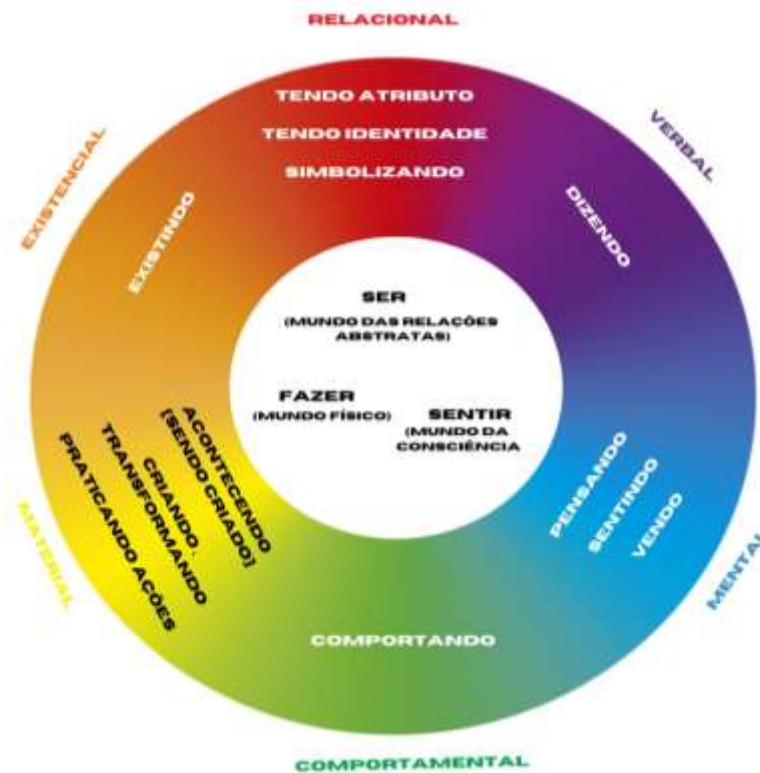
- *Interpessoal*: “representa a interação e os papéis assumidos pelos participantes mediante o sistema de modo (indicativo, imperativo, estruturas interrogativas) e modalidade (auxiliares modais, elementos modalizadores)” (CUNHA; SOUZA, 2011, p. 95).
- *Textual*: refere-se ao fluxo de informações e à organização dos significados, tanto experienciais quanto interpessoais, em um todo coerente, por meio do sistema temático; nesta visão, a oração, que tem status de mensagem, “se constitui de duas partes: o *Tema* e o *Rema*. [...] O *Tema* é o elemento colocado em posição inicial na oração. [...] O *Rema* é o que segue o *Tema*, é o restante da mensagem” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 131).
- *Experiencial*: condiz às formas linguísticas utilizadas pelos usuários para manifestarem suas experiências. A partir dos processos de transitividade, é possível verificar, olhando a cláusula como um todo, as seguintes questões: Quem, dentro de um

⁵ Como são referentes aos propósitos sociais, está ligada à ideia de contexto de cultura, a definição de gêneros, os quais significam “modos diferentes de usar a língua para realizar tarefas culturalmente estabelecidas também diferentes” (GOUVEIA, 2009, p. 28).

determinado contexto, fez o quê? A quem? Por que expressar essas experiências e não outras? Nisso, visando uma interpretação centrada no verbo, deve-se considerar os participantes, os atributos que possuem e as circunstâncias (THOMPSON, 2014).

Dentre essas categorizações, atribuímos mais atenção à metafunção experiencial, visto que abarca nosso sistema de interesse: os *processos de transitividade*. Convém lembrar que, tradicionalmente, estudamos a transitividade observando apenas se os verbos necessitam ou não de complemento. Na LSF, porém, a interpretação não se limita a isso, mas sim a examinar que movimentos transitivos são realizados pelo autor, ou seja, as transformações que ocorrem em seu entorno ou as projeções que realiza. A título de ilustração, sistematizamos essas informações na Figura 02.

Figura 02 – Processos de transitividade representados por meio da analogia de cores



Fonte: Adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 216)

Observando a analogia de cores proposta por Halliday e Matthiessen (2014, p. 216), exposta na Figura 02, fica evidente que a LSF apresenta seis modalidades de processos, três primários (material, relacional e mental) e três intermediários ou secundários (verbal, comportamental e existencial), pontuados na sequência:

- *Processos materiais*: orações em que são expressas ações físicas, relativas a processos do “fazer e acontecer”, conforme colocam Halliday e Matthiessen (2014, p. 225). Dessa forma, acompanham o fluxo de transformações realizadas no espaço, provocadas por

seu participante inato (*ator*) a outro elemento que tem suas características criadas ou alteradas (*meta*)⁶.

- *Processos mentais*: associam-se às experiências de nosso mundo interior, sendo expressos no uso de sintagmas como “gostar”, “pensar”, “refletir”, entre outros. Nesse caso, o participante (*experienciador*) não apresenta ações físicas desempenhadas no mundo, mas vozes mentais que demonstram sua percepção, cognição, emoção e interesse⁷. Além do *experienciador*, as orações mentais também envolvem um segundo participante, o *fenômeno*, que representa aquilo que é sentido, pensado ou desejado.

- *Processos relacionais*: são utilizados pelos falantes para estabelecer relações identificativas (A é B ou vice-versa) ou atributivas (B é um atributo de A) entre o participante principal (*identificado*, no caso das identificativas, ou *portador*, no caso das atributivas) e elementos identificativos (participante o2: *identificador*) ou atributos (participante o2: *atributo*). Além disso, essas orações podem ser *intensivas* (caracterizam uma entidade), *possessivas* (produzem relação de posse ou propriedade entre os participantes) e *circunstanciais* (estabelecem relações de tempo, lugar, modo e assunto entre os participantes) (FUZER; CABRAL, 2014).

- *Processos verbais*: situam-se entre os mentais e os materiais e dizem respeito aos processos do dizer. Seu participante típico é o *dizente* (aquele que diz), mas, em alguns casos, pode apresentar também a mensagem que é dita (*verbiagem*), sobre quem é dita (*alvo*) e para quem é direcionada (*receptor*).

- *Processos comportamentais*: configuram as orações utilizadas para expressar ações inatas ao ser humano, tais como levantar, sentar, escutar, gritar, chorar, respirar, dormir, entre outras (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). O participante típico é o *comportante* (o que pratica as ações/comportamentos) e, em alguns casos, pode apresentar o *comportamento*.

- *Processos existenciais*: tencionam representar algo que acontece ou existe, apoiando-se principalmente no uso do sintagma “haver” (no sentido de existir), apresentando apenas um participante: o *existente*, aquele cuja existência é trazida à tona, por meio da oração e algumas circunstâncias de tempo ou modo, por exemplo.

⁶ Há casos em que as orações materiais apresentam apenas um dos participantes, nesse caso, a denominamos de *intransitiva*.

⁷ É mister salientar que as orações mentais podem ser agrupadas em quatro modalidades, quais sejam: *cognitivas* (o que é pensado), *emotivas* (o que sentimos: sentimentos ou afeições), *desiderativas* (o que desejamos, temos vontade ou interesse) e *perceptivas* (percepções que temos a partir de nosso sistema sensorial).

3 Análise Dialógica do Discurso (ADD): principais conceitos

No escopo teórico da ADD, não nos é por intuito aprofundar seus conceitos, mas apenas discutir aqueles que são essenciais à nossa pesquisa. Como visamos demonstrar a relação entre a ocorrência dos processos com o cronotopo e horizonte temático nos textos interpretados, será por pauta, neste tópico, abordar noções como “enunciado”, “expressão valorativa”, “cronotopo”, entre outras.

À luz da postura analítica adotada, o enunciado é concebido como a unidade básica da comunicação discursiva, possuindo limites precisos e um fim absoluto. Bakhtin (2016) postula como principal limite dos enunciados a alternância entre os sujeitos (transferência da palavra ao outro), sendo imprescindível levar em consideração que essas alternâncias variam, a depender das instâncias da atividade humana nas quais são produzidas; e que todo discurso procede/é precedido de outros, por isso, nenhum homem pode ser considerado o “Adão bíblico” dos discursos, uma vez que o objeto de dizer do autor não é tomado como objeto pela primeira vez, pois já foi contestado, corroborado, avaliado por outros, no fluxo da interação verbal.

Portanto, todo enunciado responde/é respondido por outros, assim como se relaciona a outros em sua semântica. Com isso, dois conceitos vêm à tona, a saber, *responsividade* e *dialogia*. A *responsividade* está relacionada ao fato de que toda compreensão de um enunciado é de natureza viva, pois quando o ouvimos (de imediato, ou em um momento futuro), realizamos algumas ações, tais como complementá-lo, aplicá-lo, reelaborá-lo, entre outras. Dessa forma, produzimos enunciados levando em conta os anteriores, bem como prevendo uma possível resposta.

Como o enunciado não tem significado, mas sim sentidos, ele apresenta relações semânticas com outros que já foram ou serão produzidos, caracterizando o fenômeno da *dialogia*. Essas relações podem ser estabelecidas não apenas entre enunciados que ocupam o mesmo ambiente social/histórico, mas também entre enunciados distantes no tempo e no espaço, ou seja, “são relações (de sentidos) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados no plano do sentido, [...] acabam em relação dialógica” (BAKHTIN, 2016, p. 92).

Desde sua origem, o enunciado é construído em direção a outrem, aguardando respostas e uma compreensão ativa; de fato, não é produzido aleatoriamente, mas sim por alguém (autor), para alguém (destinatário). Assim, adentramos às questões de autoria,

tendo como foco as expressões valorativas. Para compreender os aspectos valorativos de um enunciado, é necessário não apenas observar o objeto e o sentido, mas também os enunciados anteriores sobre o mesmo conteúdo, com os quais polemiza, refuta, complementa, dado que

O enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Porque a nossa própria ideia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada de nosso pensamento. (BAKHTIN, 2016, p. 59).

Para Bakhtin (2016), não existem enunciados neutros, pois todos, em conjunto com a composição, objeto e estilo, são permeados por cargas subjetivas de seus falantes, fator determinante nas escolhas lexicais e nos princípios reguladores da composição dos gêneros.

Outro aspecto relevante nas escolhas tange às concepções que o falante tem de destinatário, visões essas que variam conforme o campo em que a comunicação é efetivada. Desde os participantes imediatos em uma conversação cotidiana a um grupo de especialistas em determinado assunto, a visão que temos do público (seus preconceitos, características culturais, padrões comportamentais, possíveis respostas que darão aos nossos discursos, etc.) motivará as escolhas que realizamos ao produzir nossos enunciados.

1258

Rodrigues (2005) aponta que, para analisarmos os gêneros do discurso, é essencial considerarmos o horizonte temporal [cronotopo] (espaço e tempo históricos), o horizonte temático (aquilo que se fala e o objetivo com que se fala) e o horizonte axiológico (as atitudes valorativas dos participantes). Tendo em vista a importância desses conceitos para nossa análise, acreditamos ser essencial apresentá-los mais detidamente.

3.1 Cronotopo e horizonte temático pandêmico

A noção de cronotopo foi importada por Bakhtin da matemática e da teoria da relatividade de Einstein para o campo da estética, objetivando compreender os discursos romanescos. Com isso, buscava-se explicar as relações entre os sujeitos e o espaço-tempo (instâncias inseparáveis) em que se inserem, no universo das obras literárias. Em suma:

A concepção de tempo traz consigo uma concepção de homem e, assim, a cada nova temporalidade, corresponde um novo homem. Parte, portanto, do tempo para identificar o ponto em que este se articula com o espaço e forma com ele uma unidade. O tempo, conforme já indicamos, é a dimensão do movimento, da transformação e, várias vezes, nesse ensaio, vemos que Bakhtin analisa a natureza da metamorfose a que é submetido o herói. (BRAIT, 2006, p. 103).

Com efeito, observar o cronotopo pode auxiliar na compreensão do sujeito, pois cada momento histórico traz uma concepção de homem, de sociedade e de mundo. Reforçamos que, a princípio, esse conceito foi mais direcionado às criações artísticas; no entanto, segundo Alves (2012), essa concepção de tempo e espaço pode sair do âmbito literário e ser aplicada em outras materialidades, o que pretendemos fazer aqui. Mas, diante dessas colocações, é necessário pensarmos diretamente sobre nosso contexto, afinal, existiria um cronotopo pandêmico? Em estudo realizado acerca dessa temática, Rohling (2020, p. 5226) propõe a existência desse cronotopo, afirmando que este

[...] se configura como um tempo-espaço marcado pela emergência da pandemia deflagrada pela Covid-19, em dezembro de 2019 e estendendo-se para 2020 em diante, na cidade Chinesa de Whuan, e que pelo processo de globalização espalhou-se por todos os cantos do mundo. Do ponto de vista do tempo, é possível aventar uma marcação pontual (2019), mas os efeitos desse evento global nas atividades humanas ainda não se podem mensurar. Já a categoria espaço, seria um espaço global por se tratar de uma pandemia? Ademais, do mesmo modo que Bakhtin propõe que dentro de grandes séries cronotópicas há também outros pequenos cronotopos que se atravessam e se interligam, é possível dizer que o espaço-tempo pandêmico agrega diferentes cronotopos em que se desvela tons valorativos para o vírus e para a crise sanitária. (ROHLING, 2020, p. 5226).

Fica evidente, então, que o cronotopo não concerne à cronologia do tempo, mas aos movimentos de transformações no espaço; dentro de todas essas espacialidades e temporalidades mais gerais, encontramos uma série de pequenos cronotopos que se conectam uns aos outros nas relações dialógicas sempre presentes nas produções discursivas, visto que cada tema possui suas próprias dimensões espaciais e temporais.

Falar sobre o horizonte temático na ADD significa entender que este aspecto (tema) integra os discursos às dimensões sociais de interação, por isso, os conteúdos são capazes de determinar cada situação interlocutiva, pois “[...] todo gênero tem um conteúdo temático determinado: seu objetivo discursivo e finalidade discursiva, sua orientação de sentido específica para com ele e os outros participantes da interação discursiva” (VIEIRA; ROHLING, 2021, p. 145).

Outro elemento fundamental no horizonte temático das produções refere-se ao dialogismo, mecanismo estruturante do comportamento linguístico do ser humano, construído a partir das conexões estabelecidas com os enunciados de outrem. Decerto, materializamos nossos objetivos interacionais revestindo a voz do outro com a nossa própria voz, atribuindo às falas já existentes posições valorativas, sentimentos, pensamentos, experiências. Portanto,

O horizonte valorativo de um enunciado também se vincula ao auditório social, uma vez que, ao enunciar, o locutor, junto com este auditório, constrói o grupo, o

meio social, ou as diversas condições socioeconômicas essenciais para a dinâmica e articulação deste grupo em sua rede de relações interpessoais, agindo sobre os sentidos e sobre as significações interindividuais, bem como formando signos e os saturando de recortes valorativos e de orientações ideológicas. [...], a noção de enunciado veicula uma significação objetiva e social e corresponde aos valores ideológicos de um determinado grupo social, situado em um determinado tempo e espaço, sendo, pois, um índice intersubjetivo de valor socioideológico. A dependência do enunciado em relação ao peso sócio hierárquico do auditório, junto com a situação específica, é o espaço da elaboração da orientação social valorativa, presente em qualquer enunciado, de modo que a mudança de situação e de auditório altera a orientação social valorativa do enunciado e, conseqüentemente, o seu sentido. (VIEIRA; ROHLING, 2021, p. 146).

No geral, para analisarmos os discursos em sua plenitude, é necessário considerar três aspectos – *espaço-tempo*, *destinatário* e *valores ideológicos* –, tendo em vista a forte ligação entre eles: o *espaço-tempo* constrói o sujeito, que seleciona o que quer dizer e como dizer a partir do seu *destinatário* (participante imanente ao processo), levando em conta os *valores ideológicos* apresentados por si mesmo ou previstos acerca do outro. Por isso, os gêneros configuram, acima de tudo, uma arena discursiva.

Por fim, inferimos que as esferas sociais são determinantes na composição e funcionamento dos gêneros, pois estes não são definidos em função de suas características formais, mas sim pelas ligações que estabelecem com as situações sociais de interação.

4 Influência do cronotopo pandêmico nas seleções experienciais relacionadas às vacinas contra a Covid-19

Em primeira instância, o *corpus* selecionado para a realização da presente pesquisa é composto por 03 colunas veiculadas no portal online do jornal *Folha de S. Paulo* e assinadas pelo colunista Atila Iamarino⁸. Como temos por objetivo interpretar a influência do cronotopo pandêmico na seleção de experiências realizadas pelo autor na elaboração de seus textos, escolhemos três produções que apresentam o mesmo objeto do discurso (nesse caso, as vacinas), para que, dessa forma, possamos observar o modo como o articulista se dirige a este participante (vacinas), à medida que as mudanças ocorrem em todo o seu entorno. Assim, escolhemos três textos publicados entre agosto a dezembro de 2020, conforme apresentado no Quadro 02.

⁸ “Biólogo bacharelado (2006), doutor em microbiologia (2012) pela Universidade de São Paulo e divulgador científico na internet. Fez pós-doutorado pela Universidade de São Paulo e pela Yale University. Fundador da maior rede de blogs de ciência em língua portuguesa, o ScienceBlogs Brasil. Atualmente faz comunicação de ciência no Nerdologia e no próprio canal no YouTube para mais de 2 milhões e meio de pessoas” (CNPQ/LATTES CV, 2020). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4978322672579487>. Acesso em: 15 ago. 2021.

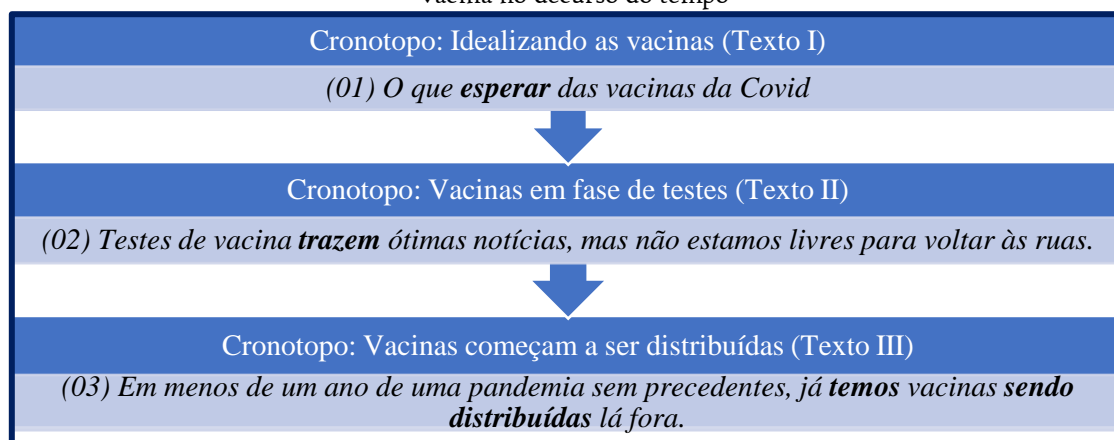
Quadro 02 – Período de publicação dos textos

Nº DO TEXTO	TÍTULO	PUBLICAÇÃO
TEXT0 01	“O que esperar das vacinas da Covid”	28 ago. 2020
TEXT0 02	“À deriva e contando com Deus”	17 set. 2020
TEXT0 03	“O futuro das vacinas acontece lá fora”	15 dez. 2020

Fonte: Elaborado pelo autor

Após a seleção dos textos, observamos a forma como o articulista se dirige às vacinas em suas produções. Nesse caso, percebemos que, inicialmente, ele apresenta muitos processos mentais, visto que idealiza seu surgimento, passando, em seguida, para os processos relacionais, especialmente os atributivos (como se estivesse conferindo um juízo de valor), e, no último texto, utiliza processos materiais, uma vez que o objeto de seu discurso (vacinas) deixa de ser apenas idealizado e passa a ser criado e aplicado no mundo físico. Para sistematizar essas informações, apresentamos a Figura 03, na qual esquematizamos todo o percurso e tipos de processos selecionados pelo autor para manifestar suas experiências.

Figura 03 – Relação entre experiências e o contexto de situação: usos de processos com o participante vacina no decurso do tempo



Fonte: Elaborado pelo autor

Fundamentados na Figura 03, corroboramos com a ideia, já apresentada por Gouveia (2009), de que é possível partir do texto para compreender o contexto (tempo/espço), bem como do contexto para compreender o texto, uma vez que interpretar os processos de transitividade (elemento linguístico) nos permite realizar uma viagem temporal por todo o cronotopo pandêmico, pois as experiências selecionadas pelo autor para expressar em seus textos são, sobretudo, vivenciadas no mundo.

Portanto, essa interface entre a léxico-gramática, focada nos processos de transitividade propostos pela LSF, e a acepção de cronotopo, instituída pela ADD, foi crucial para que este estudo pudesse ser construído. Essencialmente, o que propomos ao utilizar o conceito de cronotopo em uma pesquisa situada na área da LSF, é perceber que,

com base nesta relação espaço-temporal, é possível compreender as ligações entre os sujeitos e o tempo/espaço nos quais estão inseridos. Em outras palavras,

O cronotopo, enquanto potencialmente histórico, não pode ser retirado das relações dialógicas e do axiológico sob o risco de se tornar apenas e tão-somente uma referência a um determinado espaço e a um tempo específico, concebidos como exteriores ao indivíduo, não constituintes e constitutivos do sujeito histórico em sua eventicidade, como fora pensado por Bakhtin. (ALVES, 2012, p. 313).

Nesse ínterim, entendemos que o sujeito é construído e constrói o cronotopo do qual faz parte, logo, não apenas o modifica, como também é modificado por ele. De posse dessas informações, cabe tratarmos das impressões iniciais acerca das influências exercidas pelo cronotopo sobre as experiências retratadas pelo articulista, começando pela interpretação das amostras (01), (02) e (03), já apresentadas na Figura 03, investigando a forma como o autor constrói suas experiências em relação a essa temporalidade e espacialidade e como é constituído por elas.

(01) O que **esperar** das vacinas da Covid (Texto I)

(02) Testes de vacina **trazem** ótimas notícias, mas não estamos livres para voltar às ruas. (Texto II)

(03) Em menos de um ano de uma pandemia sem precedentes, já **temos** vacinas **sendo distribuídas** lá fora. (Texto III)

1262

Nas amostras (01), (02) e (03), notamos que o articulista redige suas produções discutindo a criação de vacinas; nessa discussão, tanto é construído pelos eventos do cronotopo, como nos convida a fazer uma viagem temporal, possibilitando-nos tomar conhecimento da presteza na fabricação e aplicação desses imunizantes. Como isso acontece?

Em um primeiro momento, interpretemos o texto do qual foi recortada a amostra (01). Nele, é possível notar que as experiências que o articulista pretende expressar qualificam-se, principalmente, como mentais, uma vez que o objeto de seu discurso (vacinas) ainda não é algo materializado no mundo físico, mas idealizado por sua mente, tal como pela própria comunidade científica. Em vista disso, processos mentais tornam-se essenciais para que os sentidos do texto sejam produzidos. Para complementar essas impressões, sigamos com a explanação das amostras (04), (05) e (06).

(04) Se isso de fato protege as pessoas é o que **descobriremos**. (Texto I)

(05) **Ver** uma proteção contra a Covid-19 em alguma escala já seria ótimo. (Texto I)

(06) [...] **esperar** um ou dois meses para **ver** se funciona. (Texto I)

Constata-se, nas amostras acima – extraídas de um mesmo texto –, que as ocorrências dos processos mentais estão intimamente ligadas à experiência vivenciada pelo sujeito naquele momento: esperança pela confirmação da eficácia das vacinas e abertura da imunização. Isso quer dizer que todos os processos realizados no texto são mentais? Não! Mas são os que mais contribuem para o objetivo do articulista, pois refletem não só a perspectiva de Atila, mas de toda a comunidade, científica ou não, no cronotopo de produção do texto: a expectativa de uma vacina capaz de livrar a população dos malefícios do vírus. Para perceber essas inferências, observemos a Figura 04.

Figura 04 – Notícia publicada no portal “exame.”, em 30 de agosto de 2020



Fonte: Portal “exame.” (2020). Disponível em: <https://exame.com/ciencia/por-que-setembro-e-um-mes-decisivo-para-as-vacinas-contr-a-covid-19/>. Acesso em: 10 nov. 2021

Diante disso, fica evidente que a esperança pela criação das vacinas era algo comum ao cronotopo em que estava imerso o articulista, uma vez que, nesse período (agosto de 2020), a população em geral ansiava pelo início da imunização, o que justifica a marcante presença de processos mentais, nos quais o papel de fenômeno é cumprido por “se isso de fato protege as pessoas” (04), “uma proteção contra a Covid-19” (05), “para ver se funciona” (06).

À proporção que o diálogo entre autor e leitores é consumado (publicações e recepção/leitura dos textos), a maneira como Atila retrata suas experiências direcionadas à vacina se modifica, saindo de um domínio mais mental e adentrando no universo físico, movendo-se de algo projetado para algo criado. Esses deslocamentos nos acontecimentos demonstram o quanto

A relação espaço-tempo não se trata de mera descrição cronológica, mas antes é um processo em contínua formação no campo do acontecimento (BAKHTIN, 2018[1975]). O tempo que se passa em qualquer espaço não é mero preenchimento espacial; é sobretudo, movimento e transformação. (ROHLING, 2020, p. 5225).

Logo, aquele sujeito construído pelo cronotopo como sonhador, que projetava, por meio dos processos mentais, a produção de algo que pudesse livrá-lo do SARS-CoV-2, passa, agora, a perceber alterações ocorrendo em seu horizonte espacial-temporal, e aquilo que era apenas idealizado (vacinas) se torna concreto. Assim, o sujeito, antes sonhador, torna-se um analista, cujas experiências transmitidas apontam uma constante dúvida: a funcionalidade das vacinas.

Diante disso, acreditamos ser essencial interpretar essa progressão na experiência, observando se a forma como o autor se relaciona com o objeto (vacina), na progressão do tempo, vai diretamente do plano mental para o material. Para ponderarmos essa ideia, vejamos as amostras (o7) e (o8), recortadas do *Texto II*:

(o7) Vacinas **são** viáveis e a ciência **vem fazendo** sua parte. (*Texto II*)

(o8) **Ter** uma vacina que **dê certo, seja segura e eficaz, fácil de produzir, armazenar e distribuir** aos milhões e disponível para todos ainda em 2021 **seria** algo próximo de um milagre. (*Texto II*)

Com base nas amostras acima, verificamos que, nesse momento, o articulista não constrói, com tanta frequência, processos mentais para expressar experiências acerca das vacinas, mas se dirige ao interlocutor, primordialmente, a partir da articulação entre os processos relacionais (ser e ter) e materiais (produzir, armazenar, distribuir), os quais permitem uma dimensão importante sobre as experiências construídas por ele ao longo do tempo. Partindo do princípio da dialogia, proposto por Bakhtin (2016), examinemos outros textos para verificar o cronotopo no qual está inserido o articulista, reparando a Figura 05.

1264

Figura 05 – Notícia veiculada pelo portal “G1”, em 31 de agosto de 2020



Fonte: Portal G1 (2020). Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/08/31/russia-anuncia-primeiro-lote-de-vacinas-da-covid-19-para-setembro-imunizacao-em-massa-e-prevista-para-outubromas-sera-voluntaria-diz-governo.ghtml>. Acesso em: 05 jan. 2021

Torna-se perceptível que o mês de setembro (cronotopo de produção e publicação do *Texto II*) foi um momento decisivo na etapa de produção das vacinas, visto que, conforme apresentado na Figura 05, em países do exterior, os lotes de vacinas estavam em fase final de testes, com previsões para serem distribuídos e aplicados nos meses seguintes.

Para finalizar esta interpretação, apresentamos, na sequência, as ocorrências (09), (10) e (11), extraídas do *Texto III*, para visualizarmos o modo como o articulista manifesta suas experiências acerca das vacinas, ponderando as mudanças que ocorrem em seu espaço/tempo (cronotopo).

(09) *Em menos de um ano de uma pandemia sem precedentes, já **temos** Vacinas **sendo distribuídas** fora do Brasil. (Texto III)*

(10) *E cientistas turcos que imigraram para Alemanha e cientistas nos EUA **começaram a produzir** as primeiras vacinas de RNA que **entraram** em testes ainda em janeiro, **mostraram-se** seguras e eficazes e **começaram a ser distribuídas** em dezembro. (Texto III)*

(11) *Agora que **temos** vacinas viáveis, começa a rodar um contador de mortes ainda mais evitáveis, que **seriam** poupadas se a imunização **começasse** antes. (Texto III)*

As amostras (09), (10) e (11) demonstram que as experiências manifestadas pelo articulista refratam mais um resultado das modificações concretizadas no cronotopo no qual se insere: as vacinas passaram pela fase de testes e começaram a ser distribuídas e aplicadas na população. Nesse sentido, um fator é substancial: a presença de circunstâncias que denotam marcas cronotópicas, a saber, “em menos de um ano” (09), “em dezembro” (10) e “agora” (11), evidenciando a temporalidade e espacialidade em que os processos “temos”, “ser distribuídas” e “temos” são concretizados, respectivamente. Como bem destaca Abraçado (2020, p. 51), um dos principais recursos linguísticos utilizados para expressão das transformações temporais são os

1265

Adverbiais de tempo, que constituem a classe mais rica de expressões temporais e que se fazem presentes em todas as línguas, o que não ocorre com o tempo verbal e o aspecto. Os adverbiais de tempo podem ser simples, como ‘agora’, compostos morfológicamente, como em ‘rapidamente’, ou compostos sintaticamente, como em ‘há muito tempo’. (ABRAÇADO, 2020, p. 51).

Destarte, o cronotopo influencia diretamente na representação das experiências, pois o articulista se dirige ao objeto (vacina), por exemplo, com expressões inicialmente construídas em âmbito mental, algo projetado, conseqüentemente, não vigente no mundo físico. À proporção que o tempo avança, suas experiências sofrem alterações, perpassando por processos relacionais, especialmente os atributivos, com o fito de emitir um juízo de valor; depois, por processos materiais, que reportam à produção, testagem e aplicação das vacinas, descritos no último texto do *corpus*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo a LSF, usamos a linguagem para atender diferentes necessidades, por isso, as escolhas linguísticas que realizamos estão diretamente ligadas ao cronotopo em que

estamos inseridos, aos nossos propósitos comunicativos e às atividades que praticamos, de forma que, por meio do texto, é possível compreender determinados aspectos do espaço; similarmente, por meio do cronotopo, é possível perceber o porquê de determinadas escolhas.

Amparados na premissa de que nenhuma escolha é aleatória (CUNHA; SOUZA, 2011), mesmo que, por vezes, algumas delas sejam inconscientes (THOMPSON, 2014), objetivamos interpretar, nesta pesquisa, a influência do cronotopo pandêmico nas escolhas experienciais realizadas pelo articulista acerca das vacinas contra a Covid-19, partindo do exame de amostras extraídas de três colunas assinadas por Atila Iamarino e veiculadas pelo jornal *Folha de S. Paulo*, entre os meses de agosto a dezembro de 2020.

As interpretações demonstram que as formas como o articulista se dirige ao participante vacina sofrem modificações significativas, que acompanham as transformações existentes no cronotopo em que o autor está inserido, assumindo, inicialmente, papel de *fenômeno* em processos verbais, por constituírem elemento idealizado pelo autor, bem como pela comunidade em geral, que ansiavam a criação de algo que pudesse livrá-los dos impactos provocados pelo vírus. Na sequência, percebemos uma gradação na experiência, pois o autor passa a utilizar o sintagma vacina como participante *portador* de processos relacionais, com o intuito de atribuir às vacinas um juízo de valor (no cronotopo: os testes finais das vacinas em criação se intensificavam). Por último, percebemos que os processos utilizados com o participante vacinam são, predominantemente, materiais, considerando finalizada a fase de criação e iniciada a etapa de aplicação.

Portanto, nos textos interpretados, é possível notar como as experiências manifestadas estão diretamente relacionadas ao cronotopo pandêmico vivenciado pelo sujeito, motivo que nos leva a partilhar o pensamento de Cunha e Souza (2011, p. 95), segundo o qual “escolhas não são aleatórias, são sempre significativas e geradoras de significados distintos quando se levam em conta os contextos de uso”.

REFERÊNCIAS

ABRAÇADO, J. *O tempo, o tempo linguístico e o tempo verbal: propriedades e relação*. São Paulo: Contexto, 2020.

ALVES, M. da P. C. O cronotopo da sala de aula e os gêneros discursivos. *Signótica*, Goiânia, v. 24, n. 2, p. 305-322, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/19172/13254>. Acesso em: 02 fev. 2021.

BAKHTIN, M. *Os Gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRAIT, B. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

CUNHA, M. A. F. da; SOUZA, M. M. *Transitividade e seus contextos de uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2014.

GOUVEIA, C. A. M. Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 13-47, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/27795>. Acesso em: 03 mar. 2021.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Halliday's Introduction To Functional Grammar*. Fourth edition. London and New York: Routledge, 2014.

HEBERLE, V. M. Apontamentos sobre linguística sistêmico-funcional, contexto de situação e transitividade com exemplos de livros de literatura infantil. *Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 81-112, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/NCd8XtZrhDZ5RYcVFNGDMBP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 jan. 2021.

MENDES, W. V. *As circunstâncias e a construção de sentido no blog*. 2010. 198 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2010. Disponível em: https://www.uern.br/controldepaginas/ppgl-dissertacoes-defendidas-2010/arquivos/o72odissertacao_wellington_mendes.pdf. Acesso em: 04 mar. 2021.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D.; MEURER, J. L. (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 152-183.

ROHLING, N. Cronotopo pandêmico e a produção de imagens corpóreas: reflexões inacabadas. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 5221-5237, out./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/78444>. Acesso em: 10 fev. 2021.

SANTOS, F. R. da S.; SANTOS, J. J. dos; MENDES, W. V. Usos da construção “é pra” na fala de trabalhadores rurais do Alto Oeste Potiguar. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v. 9, p. 1-20, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/44084622/Usos_da_constru%C3%A7%C3%A3o_%C3%A9_pra_na_fala_de_trabalhadores_rurais_do_Alto_Oeste_Potiguar. Acesso em: 15 fev. 2020.

THOMPSON, G. *Introducing Functional Grammar*. Third edition. London and New York: Routledge, 2014.

VIEIRA, I. J. da S.; ROHLING, N. O horizonte temático-valorativo em fóruns online na formação de professores de língua portuguesa: uma análise dialógica. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 141-157, jan./jul., 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/71198/45986>. Acesso em: 12 fev. 2021.